

Para Clarice, a natureza sempre fora a razão da harmonia humana — como uma semente que floresce em meio ao caos. Para ela, a mãe-terra zela pelo mundo inteiro, sem nunca exigir nada em troca. Do telhado de sua casa, observava as ruas de sua amada cidade, submersas pelas águas. Pessoas eram resgatadas, e o cenário inteiro mergulhava em um turbilhão de emoções.

Como podia, de forma tão brusca, Porto Alegre — antes viva, com ruas cheias, árvores esplêndidas e cores por toda parte — ter sido virada de cabeça para baixo?

Sua mãe vivia gritando: “Clarice, desça daí!” ou “Minha filha, você é jovem demais para querer reverter o caos.”

Mas Clarice carregava dentro de si um desejo ambicioso demais para apenas uma garotinha: devolver à sua cidade a natureza que lhe fora arrancada.

Perdida em seus pensamentos, avistou algo boiando na água e se esticou para pegá-lo: um livro encadernado em couro. Na capa, símbolos desgastados pela umidade e, no centro, os quatro elementos — água, terra, fogo e ar. Ao abri-lo, uma caligrafia dourada e gasta revelou-se diante de seus olhos. Clarice achou que estaria imaginando tudo e precisou apertar os olhos para ler:

“Há muito tempo, os quatro elementos mantinham o equilíbrio do mundo. Tudo ia bem... até a chegada dos humanos. Se você lê isso, é porque algo cruel ocorreu à natureza — e só você pode salvá-la.”

Clarice permaneceu hesitante por um momento. Era tão jovem e ingênua..., mas uma ideia acendeu-se em sua mente. Sabia exatamente o que fazer.

Dias depois que a água baixou, ela começou a caminhar pela cidade com um punhado de sementes nas mãos. Bateu de porta em porta, espalhando a esperança. Muitos riam ou duvidavam, mas, pouco a pouco, ela conseguiu reunir as pessoas da cidade — amigos, desconhecidos, vizinhos. No começo, parecia um gesto invisível, até algo começar a mudar.

Primeiras flores começaram a desabrochar novamente. O ar se encheu de perfume, e uma cor vibrante tingiu novamente as ruas. Clarice sorriu. Não era ainda a cidade que sonhava, mas talvez fosse o começo de uma nova história para aquela sociedade — uma em que a natureza nunca mais precisasse gritar sozinha.

Valentina Salamoni Roxo, 1º ano – Colégio Universitário
Gênero: narrativa ficcional

Comentário da banca: O texto se destaca pela força narrativa com tom quase mítico, ao apresentar Clarice como guardiã da natureza. A abertura traz imagens poéticas e dramáticas que situam a enchente como metáfora do caos humano, criando impacto imediato. O achado do livro com os quatro elementos é um recurso simbólico bem construído, que confere densidade fantástica à trama. O desfecho, ao mostrar o plantio coletivo de sementes, traduz de forma esperançosa e inspiradora a mensagem central, valorizando o poder da ação comunitária e da imaginação.